

1. Royal College of Art (RCA) (Londres, 1837)

Mônica Moura

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOURA, M. Royal College of Art (RCA) (Londres, 1837). In: *Design coletivo: grupos, movimentos e escolas do moderno ao contemporâneo* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 15-19. ISBN: 978-65-5714-296-7.

<https://doi.org/10.7476/9786557142967.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1

ROYAL COLLEGE OF ART (RCA)

(LONDRES, 1837)

A Royal College of Art (RCA) é uma escola de design que teve início em 1837 e segue atuante até hoje. Podemos dividir sua história em seis fases distintas.

A primeira fase refere-se a sua inauguração por ação e financiamento do governo britânico, tendo em vista a necessidade de formação de profissionais para as indústrias inglesas de manufatura e de difusão da aplicação da gramática do ornamento. Naquele momento, o nome da escola era Government School of Design; ela foi instalada no palácio Somerset House, no Strand.

A segunda fase pode ser caracterizada após a Exposição Universal de Londres ou a Grande Exposição Industrial de 1851,¹ quando além do design, a escola passou a

1 A Exposição Universal de Londres, cujo nome oficial era The Great Exhibition of the Works of Industry of all Nations (A Grande Exposição das Obras Industriais de Todas as Nações) foi realizada entre maio e outubro de 1851, exibindo matérias-primas, produtos e tecnologias, com o objetivo de ampliar o consumo dos produtos fabricados na Inglaterra e estabelecer laços e redes comerciais entre as diferentes nações do mundo. Recebeu 14 mil expositores provenientes de 25 países e mais de seis milhões de

incorporar a arte em sua proposta pedagógica. Renomeada National Art Training School, a instituição mudou-se para South Kensington. Em 1852, foi instituído o departamento de artes práticas, que obteve maior destaque por volta de 1890. Após seis anos, em 1896, a instituição adotou o nome que permanece até hoje – Royal College of Art (RCA). O programa de ensino vigente naquele momento passou a contemplar as áreas de história, filosofia e desenho de arquitetura para todos os alunos ingressantes. Após o primeiro ano, os estudantes optavam por uma das áreas de ensino: pintura decorativa, escultura, arquitetura ou design. Essas reformas no ensino de design do Royal College of Arts influenciaram a Bauhaus e propagaram-se nela. Em 1900, o nascimento do movimento A Nova Escultura da Grã-Bretanha deu-se na RCA e, em 1905, foi inaugurado o departamento de escultura, no qual se formaram artistas que tiveram carreiras de sucesso e projeção internacional, como Barbara Hepworth (1903-1975) e Henry Moore (1898-1986).

A terceira fase acontece entre as décadas de 1930 e 1940, quando ocorre a ênfase no ensino de design de produtos e na formação profissional altamente especializada. Nessas décadas, novos departamentos e cursos foram criados, como os de design gráfico, design industrial, design de moda e têxteis, cinema. Designers importantes foram formados pela RCA, como Lucienne Day (1917-2010) e Robin Day (1915-2010).

Até 1950 a proposta pedagógica da RCA esteve muito mais ligada ao treino de um ofício do que propriamente o ensino de design. Porém, a quarta fase tem início em 1959, quando foi inaugurado o Departamento de Pesquisa em

visitantes. Para abrigar o evento, foi construído o Palácio de Cristal de ferro e vidro em módulos desmontáveis a partir do projeto premiado de Joseph Paxton (1803-1865).

Design e a Escola de Design Industrial, fato que permitiu à RCA alcançar a vanguarda do ensino, da pesquisa e da prática do design. Muitos de seus alunos dessa fase tornaram-se profissionais de destaque e transformaram a arte e o design britânicos. São eles Peter Blake, artista visual e designer (1932); Pauline Boty (1938-1966), pintora; David Hockney (1937), artista visual, designer e fotógrafo; R. B. Kitaj (1932-2007), artista visual; Ossie Clark (1942-1996) e Zandra Rhodes (1940), ambos designers de moda; Ridley Scott (1937) e Tony Scott (1944-2012), diretores de cinema.

A quarta fase ocorreu na década de 1960, quando a RCA transferiu todos os cursos de design e arte para o Darwin Building em Kensington Gore e o curso de design industrial se fortaleceu e se expandiu. Em 1967 a Coroa britânica atribuiu à escola o *status* de universidade e foi inaugurado o curso de design automotivo. Seus primeiros formandos foram designers que desenvolveram projetos realizados pelas indústrias, tais como o Audi Quattro criado pelo designer Martin Smith (1949), o Aston Martin DB7 criado por Ian Callum (1954) e o Porsche 911 desenvolvido por Tony Hatter (1951).

Entre 1960 e 1970, o departamento de comunicações, do qual fazia parte o curso de design gráfico, registrou criações icônicas de ex-alunos, como o cartaz do filme *Laranja mecânica*, do designer Philip Castle (1943) e o logotipo dos lábios dos Rolling Stones desenvolvido por John Pasche (1945). Na área de design de produto industrial, destacou-se o barco cargueiro Rotork Sea Truck, desenvolvido por James Dyson (1947). Nessa fase, ampliam-se também as atuações e a vanguarda dos departamentos de cerâmica e vidro e de joalheria.

As décadas de 1980 e 1990 trouxeram muitas mudanças e inovações para a RCA, marcando a quinta fase. Os departamentos de design de produto, de gravura, de

animação e de humanidades foram expandidos, reestruturados e reequipados com novas instalações. Foram introduzidos novos cursos como história do design (1982), conservação (1987) e curadoria de arte contemporânea (1992). O escritor, historiador e crítico de design Rick Poyner (1957) formou-se na RCA. Nos cursos de arte formaram-se vários alunos que passaram a fazer parte do movimento conhecido como Jovens Artistas Britânicos. Em 1999, a RCA foi tema de um documentário em seis partes, realizado e produzido pela BBC e assistido por mais de dois milhões de pessoas.

A sexta fase iniciou em 2012 com uma grande expansão da RCA em Battersea, quando foi inaugurado o Edifício Dyson, que abrigava ateliês especialmente projetados para pintura, impressão, gravura e fotografia, bem como as instalações da InnovationRCA, incubadora e *start-up* da universidade. Em 2015 foi inaugurado o Edifício Woo, destinado a cerâmica, vidro, metal e joalheira.

Atualmente a RCA investe em mais uma expansão com a criação do *campus* Battersea do Royal College of Art, que abrigará os cursos de pós-graduação com foco em Steam (*science, technology, engineering, art and mathematics*, ou ciência, tecnologia, engenharia, arte e matemática). Esse edifício de última geração, projetado pelos renomados arquitetos Herzog e de Meuron, terá duas áreas separadas e interligadas em 15.500 m² de espaços flexíveis para ensino e pesquisa. Contará com estúdios e oficinas que cobrem do artesanato à robótica, além de incubadora, espaços para exposições e centro cultural com altura dupla, café, loja de materiais de arte e de design.

A proposta de ensino da RCA está na vanguarda da arte e design contemporâneos, traduzindo e aprimorando as formas de vida na atualidade. Em seus estúdios e laboratórios foram desenvolvidos por seus alunos projetos como o do Ford Ka e do Jaguar XK8, a linha de móveis PS para

Ikea, Concrete Canvas (abrigo para ajuda humanitária) e o galinheiro Iglu, entre outros.

Atualmente a instituição oferece mestrados e doutorados em seus vários departamentos: animação, arquitetura, cerâmica e vidro, comunicação, design, conservação, curadoria de artes contemporâneas, design de produtos, moda masculina, moda feminina, design de joias, história do design, engenharia industrial, pintura, fotografia, estamperia, esculturas, tecidos, design de automóveis, cinema e televisão.